

DIÁLOGOS SOBRE SEXUALIDADE COM LICENCIANDOS/AS BOLSISTAS DO PIBID – SUBPROJETO BIOLOGIA

**Elenita Pinheiro de Queiroz Silva
Fátima Lucia Dezopa Parreira**

Resumo

Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla e propõe apresentar o perfil dos/as bolsistas do PIBID/ Biologia e os lugares e modos onde aprendem sobre sexualidade. Tratou-se de pesquisa qualitativa com uso de questionário, entrevista e grupo focal. A noção de discurso sobre sexualidade orientou-se pela perspectiva de que estes localizam-se nos mais diversos espaços de convivência, modelando comportamentos e gerando outros discursos tendo como base teórica estudos de Foucault. Os/as licenciandos/as são jovens, a maioria do sexo feminino, heterossexuais, solteiros/as e, ligados/as a alguma religião. Eles/as buscam informações sobre sexualidade na internet, mídia em geral e ensino superior; também indicam com menor expressividade, amigos, família e a educação básica como fontes de aprendizagem.

Palavras-chave: Sexualidade, Formação docente, PIBID.

Introdução

Desde 2007, a formação docente, para além dos espaços dos currículos formais, ocorre em outros espaços como, por exemplo, o do Programa de Iniciação à Docência - PIBID, do Ministério da Educação, implementado pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal da Educação Superior – CAPES e Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE.

Por meio do PIBID, estudantes têm sido colocado em contato com o trabalho docente e as dinâmicas da escola. Estas dinâmicas dizem respeito não apenas aos modos como professores/as lidam com os conteúdos escolares do seu campo disciplinar. Elas articulam-se a processos e relações sociais e culturais mais amplas e dizem respeito aos modos como os sujeitos são constituídos e se constituem. Assim, a escola, na sociedade contemporânea, tem lidado cada vez mais com a complexidade que caracteriza os sujeitos escolares e as relações com o conhecimento. Neste sentido, as dinâmicas sociais e os movimentos que ocorrem nos espaços sociais e de produção do conhecimento tem apresentado desafios formativos para os cursos de licenciatura, quais sejam o de proporcionar aos/às futuros/as professores/as, ferramentas que lhes permitam discutir, na escola de educação básica, temas que permeiam o discurso contemporâneo, entre estes, a sexualidade.

Neste sentido a pesquisa mais ampla da qual este trabalho é parte, ocupou-se dos discursos de licenciandos/as da área das Ciências Biológicas acerca da sexualidade e da sua

articulação com a futura atuação docente. Este trabalho, em particular, visa responder aos seguintes questionamentos: Qual o perfil dos/as licenciandos/as bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Biologia? Onde e como eles/as aprendem sobre sexualidade? Desse modo, os objetivos deste texto é apresentar o perfil dos/as licenciandos/as bolsistas do PIBID, subprojeto Biologia, e os lugares e modos onde eles/as aprendem sobre sexualidade.

Sobre sexualidade, corpo, escola e formação docente

Pela complexidade que o caracteriza, o tema sexualidade não é tomado no círculo social ou familiar, em muitos casos, de modo tranquilo. De um lado, os/as jovens encontram na escola o lugar e o espaço propício tanto para as experiências quanto para a manifestação de suas sexualidades. Por outro lado, na escola o enfrentamento a este tema não tem sido, como para algumas famílias, nada tranquilo. A escola, esta instituição de sujeitos adultos que estranham os modos como sua juventude vive suas experiências sexuais, é espaço para que o tema se apresente com maior possibilidade de diálogo e/ou expressão.

Nesse sentido vale uma reflexão sobre a escola que temos hoje, disponível para educar nossos/as jovens. Em qual contexto histórico-cultural esta escola surgiu? Quais são os princípios que orientam suas ações? Esta escola, que hoje mobiliza meios e esforços em torno da educação de crianças e jovens, tem sua origem na modernidade. A partir desse período, há um afastamento entre o homem e a natureza, entre o homem e Deus, afastamento este que leva à valorização do indivíduo, dotando-o de capacidade de autonomia e, nesse movimento, o sujeito passa a ter possibilidade de resistir à sujeição.

Porém, para Foucault (1987) esta autonomia é limitada: o sujeito é autônomo, mas não livre. Seu corpo torna-se objeto e alvo do poder: corpo manipulável, moldável, dócil, enfim. É o sujeito operador, o sujeito que “sabe fazer”, dentro de uma certa lógica. Da lógica econômica que emergia com a burguesia capitalista naquele momento e que carecia de mão de obra para se consolidar. A escola atendeu a essa demanda, promovendo a escolarização das massas, formando os sujeitos aptos, ou corpos dóceis para ocupar os postos de trabalho disponíveis.

Esse projeto filosófico da modernidade, aponta Gallo (2012), por estar centrado num sujeito que é, ao mesmo tempo, sujeito de conhecimento e sujeito político, acabou sendo um projeto de educação, em busca de produzir sujeitos com autonomia para transformar o mundo. Para o autor, o conceito de formação passa então a ser fundamental na modernidade. Gallo (2012) cita as contribuições de Kant e Rousseau, a esse respeito: em Kant, destaca a

valorização da disciplina e da instrução, como essenciais para a formação do sujeito; em Rousseau, sobressai a necessidade que os pequenos têm de serem cuidados e educados para se tornarem plenamente adultos. É preciso lembrar que os conceitos de sujeito e de formação, na modernidade, foram pensados na matriz das representações.

Gallo (2012) questiona a manutenção das ideias de sujeito e formação na educação contemporânea. O autor considera, com Deleuze e Guattari, a necessidade de propor outro(s) conceito(s), opondo à necessidade da maioria kantiana, o aprender como acontecimento e a noção de um devir menor.

Nesse sentido, consideramos que o conceito moderno de formação, no momento específico em que foi formulado, cumpriu o papel ao qual se propunha. Porém, consideramos válida a aproximação com autores que, em face de exigências da contemporaneidade, trazem novos olhares para a educação. Assim, a noção de educação que aqui se apresenta é aquela que favorece, ou pensa, a multiplicidade.

Neste sentido, as licenciaturas devem oferecer aos/às futuros/as professores/as a possibilidade de acesso a um currículo que possa fazer pensar a multiplicidade, que tenha a autonomia como uma de suas características. Vale destacar que qualquer que seja o currículo, há sempre uma finalidade implícita, qual seja a de reforçar relações de poder previamente estabelecidas na sociedade (SILVA, 2002).

A análise dos currículos dos cursos de licenciatura, no caso específico de Ciências Biológicas, não se revela suficiente para apontar as abordagens dadas ao tema sexualidade nas salas de aula da graduação, muito menos nos possibilitam reconhecer espaços para além da prescritividade. Isso porque não apenas as disciplinas que apresentam nas ementas a referência ao tema sexualidade vão abordá-lo. Há também as práticas implícitas, os discursos não ditos, por exemplo, nas disciplinas como a Embriologia, a Fisiologia, a Genética e a Anatomia Humanas, dentre outras, que fazem aparecer a discussão de sexualidade quando tais conteúdos são tratados na educação básica. É preciso também prestar atenção aos modos de ser e estar das pessoas nas salas de aula das licenciaturas, nos estágios e atividades acadêmicas em geral. Perscrutar seus gestos, suas falas, seus olhares e sorrisos, apreender suas disposições.

A sexualidade para além da biologia dos órgãos não existirá na atuação desse/a professor/a, ficará relegada a um plano secundário, no espaço das aulas, onde habitam os dizeres do senso comum, das religiões, da medicina e do mercado de consumo, dentre outros. A Biologia, voz autorizada a falar de sexualidade pelos documentos oficiais, cala-se diante da

impossibilidade de professores e professoras, na educação básica e no ensino superior, mediarem esse debate com os/as estudantes e com a escola.

Os caminhos da investigação

A pesquisa realizada, do ponto de vista metodológico, tem caráter qualitativo, contou com a participação de bolsistas do PIBID- subprojeto Biologia. A participação dos/as licenciandos/as do PIBID/Biologia, justificou-se por ser o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas o responsável pela formação de professores/as de Ciências e Biologia, disciplinas às quais o tema “sexualidade” tem sido atribuído nos currículos da educação básica. Em segundo lugar, por ser o PIBID um programa que possibilita a ampla inserção do/a licenciando/a na dinâmica do cotidiano escolar da educação básica.

As informações, que responderam as questões formuladas neste trabalho, foram obtidas a partir da aplicação de um questionário a 28 bolsistas destes, 26 responderam, sendo 16 do *Campus X* e 10, do *Campus Y*.

Além deste recurso na pesquisa foram utilizadas a entrevista e grupo focal. As informações foram analisadas a partir da noção de discurso de Michel Foucault (2012), cujos estudos permitem compreender a vinculação entre as práticas discursivas e a manutenção da estrutura social, uma vez que para este autor quando falamos estamos fazendo alguma coisa e não apenas representando uma realidade.

Licenciandos/as do PIBID/ subprojeto Biologia – quem são?

Informações sobre idade, sexo, identidade sexual e de gênero, estado civil e religião foram buscadas, por meio do questionário, a partir do entendimento de que o sujeito é constituído e se constitui pela trama bio-psico-social e cultural. As respostas a estas questões indicam que em relação à idade, os/as licenciandos/as podem ser assim apresentados: 4 estudantes têm entre 18 e 19 anos, 10 estudantes têm idades entre 20 e 21 anos, 12 estudantes têm 22 anos ou mais.

Quanto ao sexo, 19 são mulheres e 7 são homens. Estes dados levam-nos a refletir sobre como, ainda hoje os cursos de licenciatura, no caso, em Ciências Biológicas têm se caracterizado como espaço de grande presença feminina. Com Foucault (1987) é possível afirmar que a escola é uma instituição disciplinar, e, portanto participante do processo de composição de corpos dóceis que servirão aos propósitos econômicos, sociais e políticos da

sociedade, essa docilização do corpo pode se dar, em muitos casos, de maneira sutil, quase sem se dar a perceber. A sociedade tem se apropriado, no ambiente escolar, da sutileza, da capacidade de percepção de detalhes que marcam o perfil feminino, culturalmente produzido, para conseguir levar a efeito seu projeto de produção de corpos dóceis.

Com relação à identidade sexual e de gênero, dentre as alternativas apontadas pelo questionário: “heterossexual”, “homossexual”, “bissexual”, “transexual”, “transgênero” e “outro”, 24 bolsistas se declararam heterossexuais, uma bolsista se declarou homossexual e um bolsista marcou a opção “outro”, mas não utilizou o espaço disponível para maiores esclarecimentos.

A sexualidade e o gênero são elementos constituidores das identidades. As identidades sexuais e de gênero se constituem no meio social e cultural e, transformam-se, conforme a sociedade se transforma. Segundo Grossi (2010), a identidade sexual diz respeito às percepções que o indivíduo tem sobre seu próprio sexo enquanto que a identidade de gênero indica como o indivíduo se apresenta para os outros, numa determinada cultura.

Os dados levantados no questionário revelam no universo de 26 licenciandos/as, uma pessoa do sexo feminino, que afirma sua homossexualidade, e uma pessoa do sexo masculino, que preferiu não especificar qual seria esta identidade. Ainda que em minoria, diante dos/as que se declaram heterossexuais, tais jovens acabam abrindo espaço para que estas diversas identidades se manifestem no corpo docente e discente, principalmente se este posicionamento também se fizer presente em outros momentos, para além do questionário, pois assim, estariam trazendo para a discussão em torno da educação, mais um elemento e este diz respeito à identidade sexual dos/as docentes.

Quanto ao estado civil dos/as licenciandos/as, duas se declararam companheiras; os/as demais se declararam solteiros/as. A intenção com esta questão diz respeito à possibilidade de captura sobre como, em suas identidades, vivem suas configurações afetivas.

Outro ponto do questionário busca pelas práticas destes/as jovens acerca da religião. Dos 26 respondentes, 12 são católicos, 4 se declararam espíritas kardecistas, 4 são evangélicos e 6 declararam não possuir nenhuma religião, dentre estes/as uma se declarou agnóstica. Trata-se de um dado importante o fato de 84% dos/as licenciandos/as estarem ligados a alguma religião, pois em geral as religiões e as igrejas, como instituições sociais

apresentam ensinamentos e modelam condutas em relação às questões da sexualidade, como as identidades sexuais e de gênero e a união homoafetiva.

A religião, institui o lugar do sexo e os sujeitos que estão autorizados a essa prática; interfere na contracepção e no uso de vestimentas e ornamentos para o corpo; questiona aqueles que não se enquadram no padrão heteronormativo e sugerem uma distinção natural entre comportamentos masculinos e femininos. Esses preceitos constituem obstáculo às concepções segundo as quais, a definição destas identidades no campo da sexualidade, como em outros, acontece no convívio social, com suas possibilidades de construção das masculinidades e feminilidades.

Lugares e modos de aprendizagem das sexualidades

Os/as bolsistas envolvidos na pesquisa, à época da aplicação do questionário, cursavam entre o segundo e oitavo semestres. A maioria deles/as, à época, cursava os últimos semestres (6º ao 8º), isso corresponderia a 41% no 7º semestre do curso, 27% no 8º semestre, seguidos de 9% no 4º semestre, 5% no 5º semestre e 4% no 3º semestre. Quanto ao semestre em atuação no PIBID, 13 licenciandos/as estavam no segundo semestre, 7 estavam no quarto semestre, uma no primeiro semestre uma no terceiro e uma já estava há sete semestres atuando no PIBID.

Com relação às disciplinas cursadas pelos/as bolsistas, interessou saber se alguma delas abordava, centralmente, a temática sexualidade. As respostas a este questionamento revelam que 7 licenciandos/as já cursaram a disciplina “Educação, Saúde e Sexualidade”, os demais 19 não haviam, até a época da aplicação do questionário, cursado nenhuma disciplina nesse sentido. Dentre as pessoas que responderam afirmativamente a esta questão, 6 são estudantes do campus X. No *Campus Y* apenas uma bolsista já havia cursado a referida disciplina.

A busca pela compreensão acerca da diferença no número de licenciandos/as que já cursaram a disciplina no campus X e no campus Y, passou por uma investigação nos Projetos Pedagógicos do curso de Ciências Biológicas, em ambos os *Campi*. O Projeto Pedagógico do curso oferecido no *Campus X* não traz em seu núcleo de formação específica e tampouco no núcleo de formação pedagógica, disciplinas obrigatórias cuja centralidade remeta ao tema sexualidade. Porém, entre as disciplinas optativas, do núcleo de formação pedagógica, há uma intitulada “Educação, Saúde e Sexualidade”, indicada para o oitavo semestre.

Quanto aos/às licenciandos/as do *campus Y*, de um total de 10 estudantes, 6 já cursaram “Educação, Saúde e Sexualidade”, ofertada no 9º semestre (curso diurno) e no 10º semestre (curso noturno). A expressiva porcentagem de bolsistas que já cursaram a disciplina no *Campus Y* é explicada por se tratar de uma disciplina obrigatória para o bacharelado e optativa para a licenciatura e que, em anos anteriores, foi oferecida para semestres iniciais, com a finalidade de atender alunos e alunas que precisavam cursar a disciplina para cumprir os créditos necessários para a conclusão da graduação.

Ao serem questionados/as se, como bolsistas do PIBID, já haviam desenvolvido na escola de Educação Básica atividades centradas na temática sexualidade, 16 licenciandos/as responderam, no questionário, negativamente; 10 informaram já haver desenvolvido alguma atividade nesse sentido, sendo que, dentre estes/as 10 licenciandos/as, apenas duas são do *Campus X*. Como a maioria dos/as licenciandos/as do *Campus Y* já havia cursado “Educação, Saúde e Sexualidade”, e considerando que o professor coordenador do PIBID-Biologia naquele *campus* é o responsável por ministrar a disciplina e é pesquisador da área de sexualidade, a realização de atividades envolvendo o tema sexualidade na escola de educação básica é maior entre estes/as licenciandos/as.

Em suas respostas os/as licenciandos/as indicaram a realização das seguintes atividades: 1. Monitorias; 2. Participação em Oficina do Programa Peas Juventude; 3. “1 Semana da Sexualidade”; 4. Palestras. Ao serem solicitados/as a descrever essas atividades, os/as licenciandos/as apresentam informações que reforçam determinados discursos hegemônicos acerca do tema sexualidade. A perspectiva biomédica determina a abordagem.

Desse modo, destacamos a escrita de Tânia e Maria Helena:

Tânia: Já monitorei uma turma [...] abordando esse tema. Foram feitas algumas discussões a respeito, além da exposição de **modelos anatômicos dos sistemas reprodutores e dos métodos contraceptivos**. [Grifos nossos]

Maria Helena: Participei também de uma oficina realizada com o grupo PEAS, onde **tratamos os mesmos assuntos**, só que com **mais tempo e de uma forma mais dinâmica**. [Grifos nossos]

Questionário aplicado entre abril e junho de 2013.

Neste extrato, as estudantes ao organizarem as atividades no contexto do PIBID, repetem sem ampliar, os assuntos que, hegemonicamente, no ensino e aprendizagem na área das Ciências Biológicas, referem-se à sexualidade: “modelos anatômicos dos sistemas

reprodutores, métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis”. A distinção apresentada nos registros de Tânia e Maria Helena vinculam-se ao tempo dispensado e a forma, como afirma esta última: “[...] tratamos os mesmos assuntos, só que com mais tempo e de uma forma mais dinâmica”. E a razão para a conquista de um tempo e formas diferentes está no fato de que o espaço utilizado, por Maria Helena, foi o do PEAS Juventude. A localização espaço-temporal da discussão, sala de aula ou PEAS, não altera a abordagem.

Considerando outro espaço-temporal, a I Semana da Sexualidade, uma ação do PIBID, o registro de Luís Carlos indica a manutenção dessa abordagem:

Luiz Carlos: A Semana da Sexualidade foi realizada na escola [...] e teve como objetivo esclarecer, informar e conversar com os alunos sobre os assuntos: **gravidez na adolescência, DST, mitos (masturbação, virgindade), métodos contraceptivos.** [...]

Questionário aplicado entre abril e junho de 2013.

Mitos (masturbação, virgindade) e gravidez na adolescência também são temas recorrentes na abordagem da sexualidade, principalmente em aulas de Ciências e Biologia, e, em regra geral mantêm-se atrelados à dimensão fisiológica.

Os/as licenciandos/as, em suas atividades com os estudantes da educação básica, priorizam os aspectos biológicos no trato da sexualidade. Assim, os sujeitos responsáveis por mediar o debate sobre sexualidade valem-se de seu campo de conhecimentos para estabelecer o diálogo com os/as adolescentes na escola.

Quanto aos locais onde os/as licenciandos/as buscavam informações sobre sexualidade chegamos ao seguinte quadro: Internet, apontada 17 vezes; mídia, 16 indicações; ensino superior citado 15 vezes; com os amigos, opção lembrada 12 vezes; com a família, opção apontada 10 vezes e, finalmente na escola de educação básica, indicada por 8 bolsistas. Com relação aos modos como acessavam estas informações, em suas respostas, eles/as apontaram as conversas com a família, com amigos, leituras e participação em cursos, minicursos e seminários na universidade. A disciplina “Educação, Saúde e sexualidade” foi mencionada, assim como filmes comerciais ou documentários, informações na educação básica, leituras de revistas e livros, livro didático, internet, na igreja (religião), discussão em grupos de estudos, conversas com profissionais de saúde (na escola e em centros de saúde).

O que os/as licenciando/as apontam os lugares que, histórica e culturalmente, foram sendo definidos como locais autorizados para falarem sobre sexo. As instituições como a

Igreja, a Família, a Escola, o Hospital, e, nos tempos atuais, a mídia. São muitas as vozes autorizadas a dizer sobre o sexo e elas reverberam na população, incitam-na a reproduzir seus discursos. Nesse sentido, “[...], constituiu-se numa aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos, susceptíveis de funcionar e de serem efeito de sua própria economia” (FOUCAULT, 2009. p. 29).

Os/as licenciandos/as apontam para o fato de que os sujeitos são levados, em espaços e lugares distintos, a pensar sobre sexualidade, mesmo sem disso se aperceberem.

Afonso: Acredito que a maior parcela foi por meio dos amigos, pois meus **pais nunca se sentiram à vontade** para comentar quaisquer coisas relacionadas à sexualidade. [...] [Grifos nossos]

Ciro: Por meio da vivência e de modo natural, **sem debates em família**. Alguns esclarecimentos e informações mais aprofundadas foram obtidas em leituras e em seminários e discussões na universidade. [Grifos nossos]

Ivan: Através de conversas **com amigos e mídia** (Internet). [Grifos nossos]

Questionário aplicado entre abril e junho de 2013.

Ao indicarem a rede internet como a principal fonte de dados sobre sexualidade, os/as licenciandos/as marcam o tempo em que nos encontramos.

Afonso: [...] **A internet é um excelente veículo**, em se tratando de uma gigantesca movimentação de informações em tempo real. [Grifos nossos]

Questionário aplicado entre abril e junho de 2013.

A mídia em geral, foi o segundo meio de informação citado. Nessa categoria, os/as licenciandos/as citam livros, revistas de publicação semanal, revistas voltadas para o público jovem; documentários; programas televisivos, educativos ou de entretenimento.

Autores/as do campo dos estudos culturais têm apontado a mídia e a Internet como espaços de aprendizagem que eles/as indicam como Pedagogias Culturais. Dentre estes autores/as, Felipe (2006, p. 254) informa que “[...] tais pedagogias incluem a escola, mas vão além dela, abrangendo uma variedade de locais [...] incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes, etc.”

A investigação revela ainda quais espaços, no universo do Ensino Superior, contribuíram para que os/as licenciandos/as ampliassem seus conhecimentos sobre sexualidade. A disciplina “Educação, saúde e sexualidade” apresentou peso considerável

nesse sentido, além da participação em seminários, cursos e minicursos. No entanto, é preciso estar atentos/as para não incorrer no equívoco de considerar que o debate na licenciatura vai de alguma forma anular as outras percepções de sexualidade que a pessoa traz da sua história de vida, é o caso da licencianda Márcia. Ela cursou a disciplina “Educação, Saúde e Sexualidade” e indicou o ensino superior como fonte de informações, mas se deteve na apresentação de sua religião (católica) como mediadora de conhecimentos sobre sexualidade:

Márcia: Minhas informações sobre sexualidade foram adquiridas a partir de estudos, tanto no ensino superior como particularmente, em **estudos que faço a partir de minha religião em livros com temas relacionados à afetividade e sexualidade e em palestras como “Jovens, sexo e ateísmo”**. Também buscamos conhecimento no centro de saúde.
[Grifos nossos]

Questionário aplicado entre abril e junho de 2013.

Além do discurso religioso, é possível perceber o discurso médico na resposta de Márcia. O que também foi perceptível em outros registros dos questionários: “[...] ao médico”, segundo Sandra; “[...] na escola com os profissionais de saúde”, para Marília e Janete.

Em geral, ao comentarem sobre as atividades que aconteceram nas suas escolas, quando estudantes da educação básica, eles/as referem-se aos momentos em que profissionais da área de saúde iam até a escola falar de DST e gravidez na adolescência. Os/as professores/as citados/as foram os/as de Ciências e o discurso que lembram é o biomédico.

Se múltiplas instâncias sociais, entre elas a escola, exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero e colocam em ação várias tecnologias de governo, esses processos prosseguem e se completam através de tecnologias de auto disciplinamento e autogoverno que os sujeitos exercem sobre si mesmos. (LOURO, 1999, p. 20)

Sem dar a perceber, a escola, como sugere Louro, ensina às crianças e adolescentes, os modos de ser homem e de ser mulher. Os discursos sobre sexualidade são incorporados pelas pessoas, mantendo em funcionamento mecanismos de controle socialmente impostos.

Considerações finais

Os/as licenciandos/as bolsistas do PIBID/ Biologia são jovens, a maioria do sexo feminino, a maioria se declarou heterossexual, solteiros/as e, ligados/as a alguma religião. Entre todos/as, há duas bolsistas que vivem em relação conjugal com outras pessoas.

Em relação ao processo de constituição para a docência, foi possível perceber uma diferença quanto ao envolvimento com a temática sexualidade. No *Campus Y* o número de licenciandos/as que responderam afirmativamente já haverem cursado uma disciplina centrada no tema sexualidade, ou já terem participado de grupos de estudos ou ainda já haverem, no âmbito do PIBID, desenvolvido atividades centradas na sexualidade, sobressaiu-se ao número de licenciandos/as do *campus X*.

Os/as licenciandos/as indicam que buscam informações sobre sexualidade na Internet, na mídia em geral e no ensino superior, mas também indicam, embora com menor expressividade, os amigos, a família e, em último lugar a escola de educação básica. Ao desdobrarem estas informações, citando como aprendem sobre sexualidade, as respostas contemplam a internet, o ensino superior, leituras diversas, mídia em geral, na igreja e na escola de educação básica.

Estes locais e modos de aprender sobre sexualidade, são aqueles que histórica e culturalmente foram definidos como espaços autorizados a falar de sexo, a fazer circular discursos hegemonicamente instituídos e disseminados a partir destes locais/instituições. Consideramos que a constituição dos/as licenciandos/as, acaba acontecendo em rede. Numa interseção de vários discursos, eles/as vão constituindo sua própria forma de dialogar com a sexualidade.

Referências

BRASIL. Decreto 7.219, de 24 de junho de 2010. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7219.htm. Acesso em 20 jun. 2012.

BRASIL. Lei No. 12.796 de 4 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm. Acesso em 30/07/2013.

FELIPE, Jane. Representações de gênero, sexualidade e corpo na mídia. **Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, n. 1, p.251-263, 30 jun. 2006. Semestral. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/ct/tecnologiasociedade/index.php/000/article/view/47/51>>. Acesso em: 26 out. 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I – A Vontade de Saber**. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GROSSI, Míriam Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**. Florianópolis, p. 1-18, 1998. (versão revisada - 2010). Disponível em: <http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/publicacoes.html>. Acesso em set. 2013.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade In: **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade** Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 8-34.